

## DO EMPORIUM A POLIS: O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE DE NÁUCRATIS ENTRE OS SÉCULOS VII E V A.C.<sup>1</sup>

FROM EMPORIUM TO POLIS: THE DEVELOPMENT OF COMMUNITY OF  
NÁUCRATIS BETWEEN THE 7<sup>TH</sup> AND 5<sup>TH</sup> CENTURIES B.C.

ALLAN CAMURI<sup>2</sup>

### RESUMO

Náucratis foi uma região localizada no Delta egípcio, fundada por diferentes povos helênicos no século VII a.C. A historiografia mais tradicional, tratou Náucratis como o modelo clássico de *emporium* helênico. No entanto, perspectivas mais recentes indicam que a região pode ter se desenvolvido ao ponto de se tornar uma *polis* efetiva. A partir da articulação entre a documentação textual e arqueológica, somadas à vertentes historiográficas recentes, nos propomos analisar o sítio de Náucratis e buscar uma definição que nos auxilie a compreender de forma mais precisa a natureza do entreposto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Náucratis; *Emporium*; *Polis*; Arqueologia

### ABSTRACT

Naukratis was a region located in the Egyptian Delta, founded by different Hellenic peoples in the 7th century BC. Traditional historiography treated Naukratis as the classic model of a Hellenic emporium. However, more recent perspectives indicate that the region may have developed to the point of becoming an effective polis. Through the articulation of textual and archaeological documentation, combined with recent historiographical trends, we aim to analyze the site of Naukratis and seek a definition that helps us understand more precisely the nature of the trading post.

**KEYWORDS:** Naukratis, *Emporium*, *Polis*, Archaeology

---

<sup>1</sup> O presente artigo é oriundo de nossa pesquisa de mestrado, intitulada *Redes de conectividade marítima e comercial entre gregos e egípcios na região de Náucratis entre os séculos VII e V a.C.*

<sup>2</sup> Mestre em História Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ), sob orientação da Profa. Dra. Maria Regina Candido. E-mail: allancamuridark@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A região de Náucratis foi conhecida por ser tratar de uma zona intermediária entre gregos e egípcios já em fins do século VII a.C. Localizado no Delta do Nilo, o sítio apresentou uma ampla variedade de documentação arqueológica, o que despertou atenção de historiadores e arqueólogos desde fins do século XIX<sup>3</sup>. As análises sugerem que Náucratis atuou como um ponto de interseção global no Mediterrâneo oriental, detendo laços de conectividade comercial com diferentes regiões, tal como nos mostra o mapa abaixo:



**Mapa 01:** as conexões de Náucratis com o mundo helênico.

<https://connectedmediterranean.weebly.com/naukratis-cyrene-and-greece.html>. Último acesso em 18/03/2024

A historiografia, baseando-se na articulação entre a escassa documentação textual e a materialidade arqueológica, se empenhou em identificar a natureza institucional do entreposto. Estudos clássicos acerca da região, como por exemplo a publicação de Astrid Möller (2000), consideraram Náucratis como o modelo genuíno de um *emporium* helênico. No entanto, perspectivas historiográficas mais recentes,

---

<sup>3</sup> As escavações em Náucratis foram inauguradas por W.F. Petrie entre 1884 e 1885, quando ele encontrou o sítio arqueológico situado a 83 km a sudeste de Alexandria. Gardner assumiu as escavações entre 1885 e 1886, seguido por D. Hogarth em 1899 e 1903 (COULSON, LEONARD JR, 1982, p. 362). Durante as décadas de 1970 e 1980, os arqueólogos norte-americanos W. Coulson e Albert Leonard Jr. reassumiram as escavações, concentrando-se principalmente no segmento sul do sítio arqueológico. Mais recentemente, a partir de 2012, o Museu Britânico, sob a direção de Alexandra Villing, iniciou novas investigações na região.

atreladas a novos métodos de análise da documentação textual, articulada aos artefatos publicados, vêm reformulando essa via analítica, apresentando dados consistentes que mostram que Náucratis transcende a categoria de *emporium*. Nesse artigo, temos por intenção apresentar dados que nos fazem pensar a região de Náucratis como sendo efetivamente uma *polis* grega em meio ao território faraônico.

O artigo é dividido em dois tópicos. Primeiramente serão discutidos de forma breve os conceitos de *emporium* e *apoikia*, o que será necessário para diferenciarmos esses modelos institucionais quando comparados às *poleis*, além desse debate ser fundamental para analisarmos a região de Náucratis. No segundo tópico, iremos trazer em primeiro plano as investigações a respeito de Náucratis, apresentando dados textuais e materiais que embasam a hipótese que considera esse assentamento uma *polis* propriamente dita. No que se refere à documentação textual, as *Histórias* de Heródoto são nossa principal fonte. Em II, 178, é apresentado um sumário acerca da atuação de diferentes *poleis* helênicas na fundação de Náucratis. Deixaremos a seguir o referido trecho na íntegra, já que será amplamente citado ao longo artigo:

Âmasis se tornou um amante dos helenos, e entre outros serviços prestados a alguns deles, ele deu a aqueles que vinham ao Egito a cidade de Náucratis para habitarem. Aos que viajavam sem desejo de se assentar, ele concedeu terras onde poderiam erguer altares e construir lugares sagrados dedicados aos seus deuses. O maior, mais reconhecido e mais frequentado dos templos é o *Hellenium*, instituído pelas cidades jônias de Quios, Téos, Fócia e Clazomênas, pelas cidades dórias de Rodes, Cnidos, Halicarnassos e Fáselis, e pela cidade eólia de Mitilene. O templo pertence a essas cidades, e elas representam também as guardiãs do porto livre; qualquer outra cidade que aclama a esse direito, clamam por algo que não possuem. Os eginetas instituíram um templo dedicado a Zeus; os sâmios fizeram o mesmo, e dedicaram seu santuário a Hera, enquanto os milésios, Apolo.<sup>4</sup> (HERÓDOTO, *Histórias* II: 178)

Apesar da importância incontestável da narrativa herodoteana a respeito do assentamento, ao abordarmos precisamente a região de Náucratis, utilizaremos principalmente evidências arqueológicas, que se constituem no *corpus* mais importante para defendermos a hipótese de Náucratis como sendo uma *polis*. Assim, nos propomos a analisar esse sítio helênico no Delta, sob a luz do diálogo entre documentação textual e arqueológica, tendo por objetivo questionar a perspectiva que atrela Náucratis à

---

<sup>4</sup> Todas as citações de Heródoto no presente artigo foram tradução própria do inglês para o português a partir da versão de A.D. Godley, bilingue, traduzida para o inglês a partir do original em grego.

categoria de *emporium*, dialogando com pesquisadores como Mogens Hansen (2006a, 2006b) e Denise Demetriou (2011, 2017).

## **A NATUREZA DA APOIKIA E DO EMPORIUM NO MEDITERRÂNEO ARCAICO**

As expansões helênicas do período arcaico originaram diversos novos assentamentos no Mediterrâneo. Muitas das novas comunidades ficaram conhecidas como *emporium* ou *apoikia*, com características distintas, visando atender as necessidades dos grupos políades que ancoravam nessas regiões. Para Maria Beatriz Florenzano (1982, p. 28 – 29) as *apoikias* detêm a peculiaridade de apresentar terras aptas à produção agrícola local, objetivando o sustento de uma população que buscava se instalar permanentemente em um território. A historiografia também destaca as *apoikias* como um lugar independente política e economicamente de sua *polis* matriz, mantendo apenas vínculos nas esferas religiosa e moral com os responsáveis pela sua fundação, o que distingue a “colonização” grega das operações coloniais dos tempos modernos (LEAL, 2017, p. 63).

O “*emporium*”, por sua vez, se refere a uma palavra do antigo vocabulário grego que pode ser traduzida como “estação” ou “porto de trocas” (HANSEN, 2006a, p. 1). De acordo com Michel Gras (1998, p. 201), em muitas obras historiográficas que se voltaram para os *emporion* na antiguidade, há a utilização de termos que o autor considera generalistas ou ligados a outras particularidades históricas, que de forma alguma podem ser confundidas com o tema em questão, como por exemplo “*caravanserai*, centro distribuidor, centro transitário, sucursal, comunidade, embarcadouro, entreposto, escala, estabelecimento, feitoria, *fonduk*, molhe, praça comercial, ponto de encontro, porto franco, angra, estrutura aberta” (GRAS, 1998, p. 201). Em nossa pesquisa, partiremos dessa perspectiva. No entanto, os termos “entreposto” e “ponto de encontro” serão utilizados para expressar a ideia de uma região de ligação entre duas culturas, uma espécie de ponto intermediário que proporcionou diálogos entre gregos e egípcios. Quanto ao termo “comunidade”, também será empregado, já que essa é uma questão que integra a nossa principal

hipótese, que por sua vez, questiona a ótica analítica de Michel Gras no que se refere alguns tópicos.

No que consiste ao *emporium*, há uma distinção que não deve ser confundida: existiram dois modelos de *emporium*, o primeiro deles são assentamentos que de fato representaram uma espécie de comunidade, e há os *emporia* geograficamente vinculados a uma *polis*, que integram a mesma região políade, atuando como centro de trocas e circulação de mercadorias.

Mogens Hansen (2006a, p. 4) trata esse último modelo como uma instituição da *polis*, voltada para a prática de trocas externas, ao contrário da *ágora*, o centro de trocas locais no interior. Esses portos são supervisionados por oficiais designados pelas instituições locais da *polis*, há legislações e a criação de diretrizes voltadas particularmente para essas regiões e a maior parte das atividades comerciais externas envolvendo a *polis* possuem esses portos como ponto intermediário de transição de mercadorias (HANSEN, 2006a, p. 4). Segundo Michel Gras (1998, p. 200), esses portos, esses “lugares de troca”, geralmente localizados nas regiões costeiras da *polis*, representam, junto da *ágora*, um dos centros de maior atividade da cidade helênica.

Um dos exemplos mais notáveis desse modelo de *emporium* é o Pireu na Ática, que atuou como porto ateniense, servindo como centro de transição de migrantes, ideias, bens de prestígio e bens primários entre Atenas e o mundo exterior. Diversos documentos textuais, dentre eles a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides e a *Constituição dos Atenienses* de Pseudo-Xenofonte<sup>5</sup> destacam o fluxo de mercadorias estrangeiras que chegavam do Egeu, abastando Atenas de diferentes produtos nas quais a *polis* necessitava (MOSSÉ, 2008, p. 124).

Tucídides destaca essa questão ao mencionar o discurso fúnebre de Péricles: “[Péricles]: Nossa cidade é tão importante que os produtos de todas as terras fluem para nós, e ainda temos a sorte de colher os bons frutos de nossa própria terra com certeza

---

<sup>5</sup> A versão utilizada da *Constituição dos Atenienses* contém a tradução de Pedro Ribeiro Martins, do grego para o português. O autor da obra em questão é desconhecido, e devido a uma das hipóteses considerarem que a obra é de autoria de Xenofonte, Martins intitula a *Constituição dos Atenienses* como sendo pertencente à Pseudo-Xenofonte, ao contrário de outras traduções, que atribuem a autoria a um “Velho Oligarca”.

de prazer não menor que o sentido em relação aos produtos de outras<sup>6</sup>.” (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso* II: 38). Por sua vez, nas palavras de Pseudo-Xenofonte:

Se se considerar os assuntos de menor importância, em primeiro lugar, os Atenienses, em razão do domínio marítimo, misturaram-se com outros povos e descobriram produtos de consumo variados, pois o que há de especialidades na Sicília ou na Itália, no Chipre ou no Egito, na Lídia ou no Ponto, no Peloponeso ou seja aonde for, tudo isso acaba reunido em um só lugar, em virtude do império marítimo. (PSEUDO-XENOFONTE, *Constituição dos Atenienses* II: 7).

A historiografia menciona o Pireu como um porto de integração multicultural entre atenienses e povos estrangeiros, além de proporcionar uma oportunidade para as populações mais pobres de obter ganhos fora da esfera do mundo rural, com atuações em meio às trocas comerciais constantes que ocorriam no porto (CANDIDO; DUARTE, 2019, p. 192 – 193). Assim, destacamos que essa vasta quantidade de mercadorias obtida por Atenas, mencionadas tanto por Tucídides quanto por Pseudo-Xenofonte, tiveram o porto do Pireu como vetor para se penetrarem na Ática, influenciando no cotidiano de consumo de alguns grupos sociais da *Polis*. O porto atuava como uma espécie de instituição, tal como afirma Hansen, sendo o centro ateniense de trocas estrangeiras.

Em relação ao segundo modelo de *emporium*, Hansen afirma que se tratava de fato de um assentamento, e não simplesmente parte de um assentamento. “É uma comunidade ao invés de uma instituição específica junto a uma comunidade” (HANSEN, 2006a, p. 4). Hansen ainda afirma que a tradição clássica entre os pesquisadores é de uma divergência clara entre os termos *polis*, *apoikia* e o *emporium* no que se refere esse segundo modelo. A autora Astrid Möller (2000, p. 65) distingue *apoikia* e *emporium* com base no processo de fundação, sendo a primeira detentora de uma tradição formal, com ritos de fundação<sup>7</sup> que partiam de uma *polis* originária, sua matriz. Na perspectiva de Möller, grande parte das *apoikias* surgiram em virtude do aumento demográfico de suas

---

<sup>6</sup> Todas as citações de Tucídides na presente pesquisa foram traduzidas do original em grego para o português por Mario da Gama Kury.

<sup>7</sup> A respeito os ritos de fundação, Michel Gras (1998, p. 129 – 133), a partir da análise da documentação textual, expressa as principais características e etapas das instaurações “coloniais” no mundo helênico: a consulta ao Oráculo de Delfos era um passo necessário para o sucesso da fundação. A literatura informa que os dizeres ambíguos da Pítia direcionavam os navegadores e apontavam os caminhos da fundação. Liderados pelo *oikistés*, o *hegemon* da expedição, os navegadores primeiro chegavam à praia. Então, o *oikistés* delimitava o território, delegava as atribuições aos membros da expedição e organizava a rede e as ruas do aglomerado urbano. Os ritos e os sacrifícios dedicados aos deuses acompanhavam a operação e garantiam o sucesso do estabelecimento da nova comunidade.

*poleis* matrizes, pela necessidade de terras e/ou outras pressões internas e externas. Já o *emporium*, mais destacado nos estudos da arqueologia e da história por conta do grande interesse de pesquisadores nas razões comerciais das expansões marítimas gregas, possui uma migração espontânea de grupos sociais de diferentes comunidades, sem que houvesse um rito específico.

Moses Finley (1990, p. 107), ao abordar a “colonização” grega do período arcaico, defende que os *emporía* não se tratava efetivamente de uma comunidade helênica, tal como as *apoikias*, mas sim que eram pontos de contato entre o mundo grego e o não grego, sendo povoações de pequeno porte, nas quais eram geralmente localizadas próximas ao mar, com bons ancoradouros. Ainda assim, algumas dessas regiões podem ser localizadas em áreas mais interioranas, como na terra dos Ilírios<sup>8</sup> (GRAS, 1998, p. 203). Krämer (2016, p. 76) também destaca algumas das principais características de um *emporium*, e delimita quatro elementos principais que definem esse assentamento: 1) são posicionados em regiões de zonas fronteiriças topográficas, culturais ou políticas; 2) atuam como pontos intermediários de trocas de longa distância entre pelo menos duas partes; 3) garantem segurança e neutralidade nas trocas por meio de áreas de culto e zonas neutras; 4) possuem nenhuma ou poucas estruturas típicas de uma assentamento.

Irad Malkin (2011, p. 22 -23) concebe aos *emporía* a característica de serem assentamentos temporários, e utiliza como exemplo uma embarcação fenícia que ancorou durante um ano exercendo trocas com povos nativos, atuando como um *emporium* por excelência, narrativa contida na *Odisseia*<sup>9</sup> (HOMERO, XV, vv. 403 – 484). Nessa questão, Malkin dialoga em alguns pontos com Möller, defendendo que tanto gregos quanto fenícios conheciam as distinções entre “colônias” permanentes (*apoikia*), com ritos de fundação intencionais, e o *emporium*, espontâneos e temporários (MALKIN,

---

<sup>8</sup> Povos que habitavam o Oeste dos Balcãs, próximo ao Adriático, sendo na atualidade uma zona limítrofe entre a Croácia e a Bósnia-Herzegovina (GRAS, 1998, p. 203). Gras parte da citação de Cílix (24) para mencionar a existência de um *emporium* na região, localizado em uma área distante do litoral, mas junto a uma grande lagoa que se estende até a terra dos Autariatai, um dos povos da Ilíria.

<sup>9</sup> Um trecho de destaque é quando o porqueiro fala para Odisseu sobre a parada dos fenícios na região da Síria; [Porqueiro]: “Lá foram ter alguns homens Fenícios, mui célebres nautas, / grandes velhacos, que mil bugigangas no barco levavam. / Aconteceu ter meu pai uma escrava também da Fenícia, / bela e de grande estatura e entendida em trabalhos de preço, / que logo foi seduzida por esses Fenícios astutos. (HOMERO, Odisseia, vv. 415 – 419). A versão que dispomos da Odisseia de Homero foi traduzida do original em grego para o português por Carlos Alberto Nunes.

2001, p. 23). Sumarizando os principais aspectos desse tipo de assentamento, Denise Demetriou apresenta a seguinte descrição para os *emporía*:

Os *emporía* eram “nós” ao longo de redes comerciais que conectavam o Mediterrâneo, a níveis locais, atuavam como centros de redistribuição que mantinham contatos com povos nas proximidades, a nível regional, serviam como pontos de parada em redes de comércio regionais, e a nível mediterrânico, era centros de importação e exportação (DEMETRIOU, 2011, p. 272).

A partir de tais conceitos, partimos para a análise do caso de Náucratis: como a historiografia e as investigações arqueológicas caracterizaram o entreposto?

### **NÁUCRATIS: O DESENVOLVIMENTO DE UMA *POLIS*?**

Por muito tempo, Náucratis foi considerado o exemplo clássico de *emporium*, um ponto intermediário entre as culturas grega e egípcia, atuando como porto de trocas sem que detivesse uma comunidade interna estabelecida. Finley (1990, p. 106) já concebe a Náucratis essa característica, assim como outros autores mais recentes, como por exemplo Michel Gras e Astrid Möller. Gras menciona Náucratis como sendo notavelmente um *emporium* em alguns trechos de sua obra (GRAS, 1998, p. 66, 203 – 206). No entanto, é perceptível que Gras não se aprofunda no conceito ao abordar Náucratis, não analisando a materialidade e nem a documentação textual. Gras simplesmente parte desse pressuposto, como se pode verificar no trecho em que o autor menciona a importância da presença de santuários nos *emporía*, afirmativa que o autor defende justamente pela ampla presença de estruturas santuárias em Náucratis, tal como informa Heródoto em II, 178 (GRAS, 1998, p. 204 – 205).

Astrid Möller (2000), ao contrário de Gras, desenvolve um estudo especificamente sobre a região, defendendo a hipótese de que Náucratis se tratava de um *emporium* helênico, utilizando tanto a documentação textual quanto arqueológica. A obra de Möller se tornou uma literatura vital para o tema, servindo como uma historiografia base para o estudo do tema. A autora primeiramente disserta sobre o conceito de “porto comercial” em Karl Polanyi<sup>10</sup>, teoria na qual fundamenta muitas de

---

<sup>10</sup> Na teoria da antropologia econômica de Polanyi, “Porto de Troca” é o local da ocorrência de trocas comerciais externas em economias pré-industriais (MÖLLER, 2000, p. 18). Segundo Möller: “Polanyi considerava a instituição econômica do porto de troca

suas perspectivas. Möller, antes de abordar propriamente as estruturas de Náucratis, sua fundação, vestígios arqueológicos e desenvolvimento, traça um preâmbulo acerca da economia helênica e do contexto egípcio, na qual destaca as *poleis* envolvidas com Náucratis, mencionadas por Heródoto em II, 178, e o papel do estado faraônico, sendo essas questões imprescindíveis para a compreensão de Náucratis.

Ao adentrar especificamente no debate em torno dos conceitos de *polis* e *emporium* aplicados a Náucratis, Möller enfatiza a ausência do termo “fundação” em Heródoto, principal documento textual utilizado para o estudo da região. Para Möller, isso indica que ao contrário da *apoikia*, não houve um processo de fundação deliberado, mas sim espontâneo, típico dos *emporia*, sendo essa uma característica notável desses assentamentos (MÖLLER, 2000, p. 183).

Möller contesta a afirmativa de que Náucratis possa ter se tornado uma *polis* antes do século IV a.C., e apresenta justificativas em cada período desde sua fundação. Segundo a autora (MÖLLER, 2000, p. 188), os helenos jamais poderiam ter erguido uma *polis* em território egípcio sob a dinastia Saíta, pelo menos não antes de Amasis, pois os faraós não teriam concedido terras aos gregos que ancoraram na região sem que detivessem a soberania sobre elas. Além dessa questão, Möller (2000, p. 188) considera helenocêntrica a ideia de que os gregos poderiam instaurar *poleis* em quaisquer regiões. No que consiste a concessão de terras e a reformulação feita por Amasis, Möller (2000, p. 189) disserta que isso não significa a emergência de uma *polis* e nem que representa um ato formal de fundação, pois ainda assim as terras estariam vinculadas ao poder faraônico, que mantinha a observação e o controle do assentamento de Náucratis.

Em relação à ideia de que Náucratis poderia já ter se tornado uma *polis* nos tempos de Heródoto, Möller parte para as evidências arqueológicas com o objetivo de refutar tais afirmativas: 1) o sítio não apresenta dados acerca de habitantes na região antes dos tempos helenísticos, sendo possível destacar apenas a presença de mercadores temporários, que ancoravam no assentamento, realizavam suas trocas e em

---

– um ponto neutro que facilitava a troca em condições econômicas precedentes ao mercado – como uma alternativa funcional às instituições de mercado. Havia a garantia que mercadores pudessem fazer negócios sem medo de perigo; que estrangeiros, por sua vez, não se tornassem um perigo para regiões interiores; e que a competição e a rivalidade fossem minoritárias no processo de troca comercial. Polanyi vincula de forma explícita o ‘porto de troca’ com a troca administrada, sendo a mais importante instituição que a representa. É importante, contudo, não subestimar suas funções não econômicas, partindo do princípio de que o ‘porto de troca’ também servia como meio para regular contatos culturais ou prevenir a espionagem, ou poderia ser o foco de uma administração da justiça internacional.” (MÖLLER, 2000, p. 20).

seguida retornavam ao mar. As investigações arqueológicas interpretadas ainda não sugerem uma divisão doméstica na esfera urbana de Náucratis, assim como não apontam para um distrito com edificações públicas separadas do porto. Nem mesmo um cemitério dos tempos arcaicos foi encontrado, sendo esse um dado importante nas tentativas de se avaliar a presença e o índice demográfico de habitantes em uma dada região (MÖLLER, 2000, p. 197); 2) Segundo a autora (MÖLLER, 2000, p. 198) os santuários geralmente possuíam oficinas de produção local nas proximidades, o que não se aplica ao sítio de Náucratis antes do período helenístico, sendo a grande maioria dos vasos encontrados uma produção externa, das *poleis* envolvidas em laços comerciais com o entreposto.

Ao longo da obra, Möller claramente parte de uma visão que opõem os termos “*polis*” e “*emporium*”, sendo ambos excludentes, pelo menos no que se refere ao *emporium* como sendo uma comunidade independente de uma cidade-estado. A autora, ao partir da perspectiva teórica de Polanyi, elenca as principais características e estruturas do *emporium*, sendo esse divergente da *polis* e da *apoikia* pela sua própria natureza estritamente comercial. No entanto, Mogens Hansen parte de um olhar mais flexível, que considera determinados *emporia* genuínas cidades-estado, sem que houvesse uma distinção clara com a *polis* ou a *apoikia* (HANSEN, 2006a, p. 5). Demetriou (2011, p. 262 – 263) concede suporte aos argumentos de Hansen, levando também em consideração a artificialidade da separação entre tais termos, amplamente presentes em uma historiografia mais tradicional. No que se refere a oposição entre *emporium* e *apoikia* por exemplo, Demetriou (2011, p. 272) conclui que as distinções entre ambos são inexistentes, já que esses últimos também podem deter zonas agrícolas, uma *khora*, de onde podem extrair recursos. Inclusive, em relação a Náucratis, o mapa topográfico criado por David Hogarth<sup>11</sup> indica possíveis áreas voltadas para a produção agrícola:

---

<sup>11</sup> Líder das escavações em Náucratis nas campanhas iniciadas em 1899 e 1903, sendo o principal responsável por encontrar o Hellenium mencionado por Heródoto (*Histórias* II, 178).



(*História* II, 178); “Náucratis era, nos tempos antigos, o único porto livre [*Ἐμπόριον/emporium*] do Egito” (*História* II, 179). Para Hansen (2006a, p. 15), as *Histórias* apontam que Náucratis já era uma *polis* nos tempos de Heródoto, mesmo que somente esse documento não informe se isso já era uma realidade no período arcaico. Möller refuta esse argumento ao comentar que Heródoto provavelmente utiliza o termo *polis* simplesmente pela ausência de outra descrição mais apropriada, mas que isso não compreende de fato a realidade de Náucratis (MÖLLER, 2000, p. 191). Hansen (2006a, p. 18 – 19), por outro lado, afirma que Heródoto não foi nem um pouco inconsistente em utilizar ambos os termos para se referenciar a Náucratis, já que a arqueologia e a análise da documentação textual indicam que, ao contrário do que acredita uma visão mais tradicional, os termos *polis* e *emporium* não são necessariamente excludentes. Apesar de reconhecer que Heródoto pode ter utilizado o termo *polis* no sentido urbano, Hansen afirma que o autor não aplicaria essa palavra caso não houvesse também razões políticas:

É importante admitirmos que ao descrever Náucratis como uma *polis*, Heródoto não utilizou o termo no sentido político, mas sim, no sentido urbano. No entanto, como todas as outras documentações helênicas, Heródoto não utiliza a palavra *polis* em relação a quaisquer assentamentos urbanos, mas apenas em relação àqueles que também detém o sentido político do termo. Tanto em Heródoto quanto em outros autores, há tão poucas exceções a essa regra que podemos presumir que, aos olhos de Heródoto, Náucratis provavelmente teria sido uma *polis* tanto no sentido urbano quanto político do termo (HANSEN, 2006a, p. 15).

Algumas vertentes, o que inclui a obra de Möller, contestam o fato de Náucratis ter sido uma *polis* nos tempos de Heródoto pois esse assentamento ainda mantinha estreitos laços de dependência com o estado egípcio e até mesmo com as *poleis* envolvidas em sua formação durante o século VII a.C. Na perspectiva de Hansen, Náucratis de fato não detinha autonomia durante esse período. No entanto, segundo o autor, as *poleis* jônicas se mantiveram por muito tempo dependentes do rei persa<sup>13</sup>, assim como Náucratis estava em relação ao estado egípcio, o que não descaracterizou essas outras comunidades como sendo *poleis* (HANSEN, 2006a, p. 18).

---

<sup>13</sup> O Império persa, sob liderança da dinastia Aquemênida, subjugou muitas das *poleis* jônicas a partir de meados do século VI a.C. Sob o reinado de Ciro, o Grande, os persas mantiveram grande parte da Ásia Menor sob seu estrito controle, tornando diversas comunidades dependentes do império e facilitando a extensão territorial para outras regiões, como por exemplo o Egito.

No que se refere ao período arcaico, Hansen afirma que não há como estender a citação de Heródoto aos tempos de Amasis. Segundo o autor, Náucratis, no século VII a.C., já se torna uma importante região no que consiste as trocas comerciais, com uma população mista. No entanto, nem as evidências arqueológicas e nem textuais possibilitam uma afirmação de que já se tratava de uma *polis*. Contudo, também não há como afirmar categoricamente que se tratava de um *emporium* (HANSEN, 2006a, p. 19). Levando em consideração as teorias explicitadas na obra de Irad Malkin (2011, p. 156), consideramos que mesmo que Náucratis tenha sido caracteristicamente um assentamento com funções estritamente comerciais no século VII a.C., esse pode ter se desenvolvido ao ponto de se tornar uma *polis* antes mesmo dos tempos de Heródoto, já que os pontos de conexão no antigo Mediterrâneo possuem a peculiaridade de se transformarem, construindo seus próprios laços e desenvolvendo sua comunidade para direções distintas daquelas estabelecidas inicialmente.

Assim, para Hansen (2006a, p. 19), Náucratis representava uma *polis* pelo menos já nos tempos de Heródoto: “Náucratis não era apenas um *emporium*, mas uma *polis* que possuía um *emporium*. A diferença de outras *poleis* com seus *emporia* é que em Náucratis o *emporium* não era integrado a *polis*, mas separado e administrado a parte por oficiais apontados por outras *poleis*”. Dando suporte aos seus argumentos, Demetriou também defende a categorização de Náucratis como sendo uma *polis*, e não somente um *emporium*, sendo Náucratis um centro multiétnico com diversas estruturas, especialmente religiosas (DEMETRIOU, 2017, p. 49).

Não apenas os debates em torno dos conceitos de *polis* e *emporium* fazem com que nos aproximemos das perspectivas de autores como Mogens Hansen e Denise Demetriou, mas também um olhar mais aprofundado na documentação textual e principalmente nos artefatos arqueológicos encontrados nas escavações. Quando colocados lado a lado para que seja efetuado a análise histórica acerca de Náucratis, é possível detectar muitas questões que acabam vinculando o antigo assentamento grego às características de uma *polis* grega. Em Heródoto, além da descrição de Náucratis como sendo uma *polis*, o que é feito de forma explícita em II. 178, há menções a possíveis grupos que habitavam Náucratis de forma permanente e não apenas mercadores temporários que transitavam pela região em busca de trocas comerciais.

O grupo em questão, se trata das cortesãs/*hetairas*<sup>14</sup>, que de acordo com Heródoto, eram presentes em Náucratis, sendo Rodope a mais conhecida delas: “Parece que as cortesãs de Náucratis sempre detiveram a arte da sedução, pois a mulher cujo esta história conta, Rodope, se tornou tão famosa que todos os gregos passaram a conhecer seu nome”. (HERÓDOTO, *Histórias* II: 135). Rodope veio originalmente da Trácia, vivendo como escrava em Samos antes de chegar ao Egito, onde atuou em Náucratis como uma *hetaira*, o que deve ter ocorrido em princípios do século VI a.C. (MÖLLER, 2000, p. 199).

Na citação, Heródoto aponta para a beleza e a fama das cortesãs de Náucratis, especialmente de Rodope. É possível que a fama dessas mulheres por toda a *Hélade* se atrele a possível fama da região: 1) se Náucratis não fosse conhecida por todo o mundo helênico, as *hetairas* locais também não o seriam; 2) mesmo que a fama diz respeitasse exclusivamente as *hetairas*, essas acabariam por impulsionar a fama de Náucratis, pois os viajantes teriam de navegar até o Egito para conhecê-las. Dessa forma, o mais importante desse trecho é não apenas a existência, mas também a fama das *hetairas* nesse assentamento grego, indicando elementos de uma sociedade permanente e a proliferação de informações sobre Náucratis em toda a *Hélade*. A própria Astrid Möller, que apesar de refutar uma presença majoritária de habitantes na região, o que justifica suas argumentações contrária a ideia de Náucratis como sendo uma *polis*, reconhece que a partir das evidências da presença de *Hetairas* no sítio, é possível que alguns grupos de fato tenham se estabelecido de forma fixa no assentamento (MÖLLER, 2000, p. 200).

Os artefatos arqueológicos são um segundo indício da presença das *hetairas* em Náucratis. Ao longo das escavações foram encontrados diversos aríbalos, um dos tipos de vasos utilizados para o armazenamento de perfumes. Os óleos perfumados eram feitos sob a base do óleo de oliva, sendo uma prática oriunda da Grécia asiática que logo se difundiu por diversas regiões do Mediterrâneo (GRAS, 1998, p. 223). Gras menciona Arquíloco, que em um escrito datado do século VII a.C., comenta que os perfumes eram

---

<sup>14</sup> Companheiras na Grécia antiga que não apenas forneciam prazer sexual temporário, como as prostitutas (*pórnaí*) comuns, mas geralmente mantinham uma relação duradoura com os companheiros, atuando de fato como acompanhantes. Um caso clássico acerca do papel das *Hetairas* é Aspásia, que se juntou a Péricles após esse ter se divorciado de sua esposa. Mesmo Aspásia sendo oriundo de Mileto, os filhos do casal obtiveram a cidadania ateniense, devido ao respeito excepcional que Péricles possuía em meio a sociedade (JONES, 1997, p. 173).

utilizados principalmente por mulheres: “cabelos e seios inundados de perfume, despertariam o desejo num velho” (AQUÍLOCO, Frag. 38 *apud* GRAS, 1998, p. 223).

Esses óleos utilizados pelas mulheres eram guardados em pequenos vasos, os aríbalos, de forma globular, ou os alabastros, de forma alongada, “que tinham um rebordo largo e chato para facilitar a sua aplicação sobre a pele” (GRAS, 1998, p. 224). As **figuras 01 e 02** exemplificam o que são os aríbalos, sendo ambas imagens de artefatos encontrados em Náucratis.



**Figura 01:** Aríbalo produzido em Corinto, encontrado em Náucratis. Datado entre 600 e 575 a.C.  
Registro: AN1339746001001<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> As informações expostas sobre todos os artefatos apresentados nesse artigo podem ser encontradas no catálogo online organizado pelo *British Museum*.  
[https://www.britishmuseum.org/collection/search?keyword=Naukratis&place=Naukratis&view=grid&sort=objekt\\_name\\_\\_asc&page=1](https://www.britishmuseum.org/collection/search?keyword=Naukratis&place=Naukratis&view=grid&sort=objekt_name__asc&page=1). Último acesso em 18/03/2024.



**Figura 02:** Aríbalo produzido em Corinto, encontrado em Náucratis. Datado entre 620 e 590 a.C.  
Registro: H6034

Os aríbalos em questão se tratam de produções coríntias, muito presentes em Náucratis mesmo antes de Amasis. Segundo Gras, “Corinto ficou célebre pela produção desses frascos, que foram abundantemente difundidos pelo Mediterrâneo” (GRAS, 1998, p. 224). Apesar da **figura 02** não tornar possível identificar os signos figurativos em virtude da deterioração do artefato, é perceptível a presença de uma espécie de ave, possivelmente um cisne, na **figura 01**. Essa representação nos permite exercer uma ligação entre o artefato e a deusa Afrodite, cujo templo propiciou o catálogo de diversos vestígios arqueológicos de Náucratis.

A **figura 03**, por sua vez, se trata de um alabastro, um segundo modelo de vaso utilizado para o armazenamento de óleos perfumados:



**Figura 03:** Alabastro produzido em Náucratis, encontrado em Náucratis. Datado entre do século VI ou V a.C. Registro: H2225

Apesar da ausência de quaisquer pinturas no frasco, esse alabastro é interessante por se tratar de uma produção local de Náucratis. Sua datação é imprecisa, sendo possível detectar apenas que se trata de um material confeccionado entre os séculos VI e V a.C., provavelmente após a emergência de Amasis ao trono. Tanto os aríbalos quanto os alabastros, somados aos escritos de Heródoto, fazem com que seja possível levantarmos a hipótese de que houve grupos de *hetairas* presentes permanentemente no assentamento. Apesar de não podermos chegar a uma conclusão, até porque não temos por objetivo nos aprofundar na temática das *hetairas* em Náucratis, os indícios são instigantes, comprovando que ainda há muito a se estudar acerca desse sítio, além de conceder ainda mais suporte as perspectivas de Hansen e Demetriou quanto a natureza do entreposto. Ao comentarmos sobre as possibilidades de habitantes fixos na região, ressaltamos que A.J. Graham (2008, p. 135) também afirma a existência de grupos permanentes em Náucratis, inclusive afirmando que esses constituíram-se na base que veio a tornar Náucratis uma *polis*. Graham, no entanto, não determina o período no qual isso veio a ocorrer.

O alabastro representado na **figura 03** chama atenção justamente pelo seu local produção, o que nos leva a um segundo ponto que faz com que nos aproximemos da perspectiva de que Náucratis se desenvolveu ao ponto de se tornar uma *polis*: as investigações arqueológicas encontraram diversos artefatos que foram produzidos no próprio sítio, indicando assim a existência de oficinas. Segundo Möller (2000, p. 198), em Náucratis provavelmente não houve oficinas antes dos tempos helenístico e romano, já que a maior parte dos artefatos eram importado. O catálogo de fato deixa claro que grande parte da materialidade encontrada nas pesquisas de campo são oriundas do exterior. No entanto, não se pode negligenciar a produção local, também bastante considerável. No livro *Polis: an introduction to the ancient city-state*, Hansen (2006b, p. 141) conclui que em termos econômicos, uma das características da *polis* grega é justamente a existência de produção e trocas internas, ao mesmo tempo que mantém o comércio com o exterior.

Diversos artefatos podem servir como indicações da existência de oficinas locais. Além do alabastro mencionado, destacamos por exemplo o fragmento da **figura 04**, se tratando de uma peça de uma ânfora forjada em Náucratis:



**Figura 04:** Fragmento de ânfora produzida em Náucratis, encontrada em Náucratis. Datada entre 620 e 575 a.C. Registro: 1886, 0401.84

A inscrição o artefato,  $\lambda\lambda\omega\sigma\sigma\ \epsilon\mu$  / Pertença a Apolo, indica que a ânfora foi utilizada por fins votivos, sendo, contudo, difícil de determinar a naturalidade do autor.

A datação, 620 – 575 a.C., ou seja, antes de Amasis, também chama atenção, pois aponta para um índice de produção local mesmo nos primórdios do entreposto. Apesar da simplicidade do fragmento, que contém apenas traços negros, sem nenhuma representação imagética acerca de costumes sociais ou religiosos, a existência por si só de artesãos em Náucratis já contribui para a ideia de que o assentamento não se tratou apenas de um ponto transitório para comerciantes que ansiavam pelos bens egípcios.

Além desse fragmento, podemos ter como exemplo também confecções mais tardias. O lécito da **figura 05**, se trata de uma produção local datada do século V a.C., entre 450 e 400:



**Figura 05:** Lécito produzido em Náucratis, encontrado em Náucratis. Datado entre 450 e 400 a.C.  
Registro: 1888,0601.17

Ao analisar os lébitos de fundo branco da Ática, Maria Regina Candido (2016, p. 113) ressalta que esses vasos eram utilizados em rituais fúnebres, mas também acabam por ratificar as “atividades desenvolvidas na área urbana como a oficina do oleiro, a atividade do artesão ceramista, do pintor, assim como do vendedor”. As análises de Candido referem-se a Atenas, mas podemos captar a partir desses estudos a função social dos lébitos entre as comunidades gregas. A presença desse artefato em Náucratis,

especialmente sendo ele produzido no próprio assentamento, aponta para a existência de lugares dedicados ao sepultamento, ou seja, cemitérios, mesmo que Möller refute essa ideia no que se refere a um período anterior à cultura helenística, o que é mais um indício da presença de uma forte população permanente e estruturas dedicadas ao bom funcionamento da comunidade.

O lécito da **figura 05**, assim como o fragmento de ânfora e o alabastro, são apenas alguns exemplos das muitas produções de cerâmica encontradas em Náucratis. Avaliamos que se trata de um leque consideravelmente extenso, e que faz com que nos aproximemos da perspectiva de Hansen. Além dos artefatos de cerâmica, as investigações arqueológicas detectaram produções locais de ferro, como armamentos e anzóis, o que contribui ainda mais para a perspectiva de Náucratis como um lugar ativo em termos sociais, com seus próprios costumes e dinâmica econômica interna.

Os *kylix*, vasos utilizados no *symposion* grego para beber o vinho, também teve sua marca presente em Náucratis. Diversos foram encontrados pelas escavações, sendo a maior parte deles importados. No entanto, sua presença no assentamento faz com que refletimos sobre as tradições aristocráticas locais, sendo indícios de tradições típicas de assentamentos permanentes com organizações sociais complexas. O *symposion* sucedia o banquete, sendo a etapa da bebedeira do vinho nas comemorações, unida às canções e poesias (GRAS, 1998, p. 170). Segundo Gras, o *kylix* assinala a primeira presença dos gregos em um assentamento e é indispensável ao consumo do vinho entre a aristocracia, havendo a formação de uma espécie de sistema entre a taça/*kylix* e o vinho em si, sendo esse conjunto uma marca do *symposion* e da civilidade (GRAS, 1998, p. 217 – 218).

Nas **figuras 06 e 07**, podemos visualizar exemplos de *kylix* encontrados em Náucratis:



**Figura 06:** *Kylix* produzido na Lacônia, encontrado em Náucratis. Datado entre 575 e 565 a.C. Registro: 1888, 0601.523



**Figura 07:** *Kylix* produzido na Lacônia, encontrado em Náucratis. Datado entre 575 e 565 a.C. Registro: 1888,0601.524

Tais artefatos, ambos produzidos entre os lacedemônios, nos levam a refletir sobre possíveis reuniões aristocráticas em Náucratis já na primeira metade do século VI a.C. Essas tradições podem apontar para a permanência de determinados grupos sociais

no assentamento, apesar de ainda necessitarmos de mais evidências para podermos de fato fazer quaisquer afirmativas.

## **CONCLUSÃO: A CIDADE-PORTUÁRIA DE NÁUCRATIS**

Todos esses modelos de artefatos arqueológicos, vinculados aos escritos de Heródoto e ao mapeamento topográfico, fazem com que questionemos a ideia de Náucratis se tratar exclusivamente de um *emporium*, tal como afirma autores como Finley, Gras e Möller. As evidências apontam para grupos permanentes que se fixaram na região, além de centros de produção local no que se refere tanto a agricultura quanto a materiais de cerâmica. No entanto, é necessário reconhecer que Náucratis não deixou de atuar como um importante porto de trocas, pois há múltiplas conexões construídas em virtude da existência do assentamento, o que é possível de se pensar por conta da variedade de vestígios encontrados no sítio, oriundos de regiões muito distintas.

Assim, não consideramos Náucratis somente um *emporium*. Contudo, detinha tal característica nos primórdios de sua fundação, tornando-se uma *polis* já no século VI a.C. Todavia, ao se tornar efetivamente uma *polis*, o assentamento não deixou de atuar como entreposto comercial no Mediterrâneo Oriental. Náucratis torna-se então uma espécie de cidade-portuária, com uma comunidade estabelecida e um sistema econômico que privilegia a produção interna e as trocas locais e externas, exercendo também atividades cruciais como zona portuária no Delta egípcio.

## **REFERÊNCIAS**

### **Documentação**

HERODOTUS. **History**. Vol 1. Translated by A. D. Godley. The Loeb Classical Library. Harvard: Harvard University Press, 1920.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

PSEUDO-XENOFONTE. **A Constituição dos atenienses**. Tradução por Pedro Ribeiro Martins. São Paulo: Annablumme, 2022.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário de Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

### **Bibliografia**

CANDIDO, Maria Regina. **Atenas: liderança unipolar no Mar Egeu (480-411 a.C)**. Rio de Janeiro: Letras e Versos/ NEA-UERJ, 2016.

DEMETRIOU, Denise. Beyond *Polis* religion: Religious practices in the cosmopolitan *Emporion* of Naukratis. **BABESCH 92**, 2017, pp. 49 – 66.

\_\_\_\_\_. *What is an Emporium? A reassessment*. **Historia Band 60 (3)**, Stuttgart, 2011, pp. 255 – 272.

DUARTE, Alair Figueiredo; CANDIDO, Maria Regina. *Os portos de Faleros e Pireu: demarcação dos lugares de memória dos agathoi andreia e dos emergentes na Atenas clássica*. **Tempos Históricos 23**, 2019, pp. 182 – 201.

FINLEY, Moses. **Grécia primitiva: idade do bronze e idade arcaica**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FLORENZANO, Maria Beatriz. **O mundo antigo: economia e sociedade**. São Paulo: brasiliense, 1998.

GRAHAM, A. J. *The colonial expansion of Greece*. In: BOARDMAN, John; HAMMOND, N.G.L. (Eds.). **The Cambridge ancient history: the expansion of the greek world, eight to sixth century B.C**. Vol III, part 3. Cambridge: The Cambridge University Press, 2008. P. 83 – 162.

GRAS, Michel. **O Mediterrâneo arcaico**. Lisboa: Teorema, 1998.

HANSEN, Mogens Herman. *Emporium: a study of the use and meaning of the term in the archaic and classical periods*. In: TSETSKHLADZE, Gocha R. (Ed.). **Greek colonization: an account of Greek colonies and other settlements overseas**. Leiden: Brill, 2006a. P. 1-39.

\_\_\_\_\_. **Polis: an introduction to the ancient greek city-state**. New York: Oxford University press, 2006b.

JONES, Peter. **O Mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. MartinsFontes: São Paulo, 1997.

KRÄMER, Robinson Peter. *Trading goods – trading gods: greek sanctuaries in the Mediterranean and their roles as emporia and ‘ports of trade’ (7th – 6 th century B.C.E)*. **Distant World Journal** **1**, 2016, p. 75 – 98.

LEAL, Andrea Magalhães da Silva. *Os gregos e a conectividade marítima com a apoikia de Lócris Epizefiri*. IN: CANDIDO, Maria Regina (Org.) **Rede de conectividade no Mediterrâneo Antigo: múltiplos olhares sobre as relações socioculturais, comerciais e políticas em sociedades mediterrâneas**. UERJ/NEA: Rio de Janeiro, 2017. P. 57 – 70.

LEONARD Jr., Albert; COULSON, William D. E. *Investigations at Naukratis and Environs, 1980 and 1981*. **American Journal of Archaeology** **86 (3)**, 1982, p. 361–380.

MALKIN, Irad. **A small greek world: networks in the ancient Mediterranean**. New York: Oxford University Press, 2011.

MÖLLER, Astrid. **Naukratis: trade in archaic Greece**. New York: Oxford University Press, 2000.

MOSSÉ, Claude. **Péricles: o inventor da democracia**. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.